

ge todas as mudanças de sentido. Sem este esquecimento, a designação nova fica sempre dupla, encadeada á sua raiz; a catachrese só é que a destaca... Ella é o acto emancipador da palavra, e, no desenvolvimento do ser por gemação, a força que separa o gomo ou rebento do organismo primitivo. Assim comprehendida é a catachrese uma das forças vivas da linguagem". (Darmest.)

CAPÍTULO III

OUTROS PROCESSOS SEMANTICOS

359. Notam-se ainda, na translação de sentido das palavras, outros processos particulares, que passamos a enumerar.

I. POLYSEMIA OU RADIAÇÃO.

360. *Polysemia* (gr. *poly* = numeroso, muito, *semeion* = significação) ou *radiação* se produz quando um objecto dá o seu nome a uma série de outros, por haver um caracter commum. Exs.:

Raiz. A palavra *raiz* (de uma planta) multiplica seu sentido extendendo-se metaphoricamente a *raiz* de uma palavra, *raiz* de um mal (cortar o mal pela raiz), *raiz* algebrica, etc.

Chave. Do sentido proprio passa extensivamente para *chave* na musica, na estrada de ferro, na mathematica, etc.

Flor. Dos jardins o sentido da palavra irradia-se para *flôr* da mocidade, do exercito, da virtude, das aguas (á flôr das aguas). E assim innumeradas outras.

II. ENCADEAMENTO.

361. No *encadeamento* a palavra, ensina o supracitado philologo, esquece seu sentido primitivo, passando a um segundo objecto; depois passa a um terceiro por meio de um caracter commum, que por sua vez é esquecido, e assim por diante. Exs.:

a) **Romance.** Esta palavra designava na edade-média a lingua vulgar oriunda do latim: depois applicou-se a qualquer composição em lingua vulgar (francez, italiano, etc.), e, mormente, aos poemas narrativos. "No fim da edade-

média significava successivamente antigo poema narrativo em prosa (romance de cavallaria). historia em prosa de grandes aventuras imaginarias, finalmente narrações inventadas com o fim de agradar. — Em philologia ainda hoje — *romance*, *rymance* ou *romanço* designa a lingua vulgar da época medieval, fallada na França, Italia e peninsula Iberica.

- b) **Rubrica.** Esta palavra significava primitivamente *terra vermelha*; depois *tinta vermelha*; em seguida *titulo* de capitulo com tinta vermelha; finalmente *assinatura*.
- c) **Esposo.** Etymologica e primitivamente era o noivo, o contractado; passou depois a significar o marido.
- d) **Tutaméa.** *Tutaméa* ou *tuta e meia* é, segundo Julio Moreira a corrupção de *macuta e meia*. “*Macuta* é o nome de uma moeda do cobre, que tem curso na Africa Occidental Portugueza, com o valor de 50 réis. Ha tambem *meia macuta*. Assim dar e comprar uma coisa por uma *macuta e meia*, seria uma phrase equivalente a outras em que tambem entram designações de moeda, como: é um ovo por um *real*; “dar uma coisa por *dez réis* de mel coado”; “não dar por uma coisa um *chavo gallego*”... De *macuta* proveiu *matuta* por assimilação do *c* ao *t* seguinte. Depois uma *matuta* transformou-se em uma *tuta*, reduzindo-se a uma só as duas syllabas *ma*, que estavam juntas”. De *tuta e meia*, por contracção, temos, pois, *tutaméa*. (Est. de L. Port., I, p. 214.)

III. CONTAGIO.

362. O CONTAGIO se produz no desenvolvimento de um sentido novo em um dos termos de uma expressão consagrada, por influencia de outro termo da mesma expressão, p. ex.: *nada* é hoje pronome ou adverbio negativo por influencia da negativa *nulla* na phrase feita — *nulla re nata* = *nenhuma coisa nascida*; resumida a phrase no participio *nata* → *nada*, herdou este por *contagio* o seu valor negativo. — Semelhantemente *algum* posposto ao nome adquiriu valor negativo — *de maneira alguma* = *de maneira nenhuma*, em razão de frequentes phrases negativas como esta: *não fazer coisa alguma*. No sec. XVI não havia ainda adquirido este valor negativo, como se póde ver em Camões. *Pela lei do contagio ainda temos: *a capital* = *a cidade capital*, *a pastoral* = *a carta pastoral*, *o Sena* = *o rio Sena*.

á portugueza = *á moda portugueza*, *a diagonal* = *a linba diagonal*, *o defuncti* = *defunctus vitæ*.

IV. CONDIÇÕES HISTÓRICAS.

363. Certas condições históricas determinaram o sentido de muitas palavras. Exs.:

a) **Palavra** nos veio de *parabola* por influencia do Christianismo. Em lat. essa idéa era expressa pelo termo *verbum* (= palavra), que foi adoptado no sec. IX por S. Jeronymo, auctor da Vulgata, para traduzir o *Logos* do texto grego do Evangelho de S. João, applicado á 2.^a Pessoa da SS. Trindade: *In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum* (S. J., I. 1). — Especializado, desta maneira, o termo latino para esse uso sagrado, foi a lingua buscar o seu substituto no termo de origem grega *parabolam*, que designava, nos Evangelhos, as sentenças ou pequenos quadros narrativos, em que Christo expunha frequentemente ao povo sua doutrina. A corrente erudita, porém, guardou em *parabola* a fórma e o sentido original do termo.

b) **Testamento** ← *testamentum*, por influencia da Vulgata, assume, além da sua significação propria, o sentido religioso de *pacto*, *alliança*, *concerto* entre a Divindade e o homem. Assim *Velho Testamento* e *Novo Testamento* indicam a *velha* e a *nova alliança*, ou dispensação da divina graça no mosaismo ou judaismo e no christianismo. Dahi, veio por *metonymia* a significar as duas partes da Biblia, que contém as duas Dispensações

E como esta e a antecedente, innumeradas outras palavras latinas receberam, por intermedio da religião christã, propagada no occidente da Europa sob o influxo da Vulgata, sensiveis modificações em sua significação original, p. ex.: *creatio*, *creator*, *salvator*, *redemptor*, *convenio*, *gloria*, *devotio*, *proedictio*, *sermo*, *tentatio*, *vocatio*, *indigentia*, *oratio*, *peregrinus*, *remissio*, *virtutes*, *signa*, *peccatum*, *minister*, etc., são palavras latinas de cunho pagão, que passaram para as linguas neo-latinas, tendo recebido o baptismo da concepção christã.

c) **Côrte** nos veio de *cohortem*, que designava o terreiro ou cercado onde os antigos romanos creavam suas gallinhas ou ovelhas; depois a área occupada por uma legião romana recebeu tropologicamente o nome de corte, e tambem a decima parte da legião. Mais tarde a realza antiga e guerreira dos merovingios apparece na *curtem* ou *cortem*, contracção de *cohortem*. E assim todo o brilho de uma *côrte* real vae-se prender historicamente a um humilde galli-

nheiro. O francez ainda guarda o sentido original no composto *basse-cour*.

- d) **Condestavel**, nos veio de *comitem + stabuli* \rightsquigarrow *condestabuli* \rightsquigarrow *condestavel*, que significa originalmente *conde* ou *chefe da estrebaria* (= *stabulus*). De chefe das cavallariças reaes, o termo passou a designar o chefe superior do exercito nos tempos antigos.
- e) **Marechal**, prende-se etymologicamente a *guarda de cavallos*, do antigo alto allemão *marscale* (*mar=cavallo, scale=creado*). Desta humilde significação primitiva passou o termo, como o antecedente, a significar a auctoridade superior do exercito.
- f) **Escravo**, prende-se ao termo *slavo=brilhante*, com que se nomeiam os povos da Europa occidental. Vencidos estes e capturados pelos francos, o seu nome, alterado em *esclavons* ou *esclaves*, recebeu na lingua dos vencedores o sentido de *captivo*, que é a idéa que nos desperta o nosso vocabulo da mesma origem — *escravo*.
- g) **Vandalos**, são membros de uma tribu germanica, que em 409 invadiu a peninsula Iberica, deixando como signal de sua passagem a assolação e a ruina. Desta circumstancia historica, originou-se o sentido hodierno de — *vandalo, vandatico, vandalismo*.

Obs. Semelhantes condições historicas nos deram: *assassino, guilhotina, baioneta, calepino, dédalo, panico, homérico, hercules, epicurismo, phaetonte, jovial, emolumento (molinum \rightsquigarrow moinho = pagamento da moedura ao moleiro)*.

V. DEGENERESCENCIA SEMANTICA.

364. As palavras degeneram eventualmente, recebendo, no uso popular, sentido *pejorativo* ou *depreciativo*, Exs.:

- a) **Tratante**, era no v. port. o que tractava de seus negocios hoje; o que o faz fraudulentamente. A degenerescencia não attingiu o verbo cognato *tractar*.
- b) **Traficante**, só se emprega hoje em sentido depreciativo, de quem negocia com fraude. A molestia attingiu a familia: — *traficar, traficancia*, e mesmo *tráfico* já se resente da infecção evocando de prompto, em nosso meio, o *trafico de escravos*.
- c) **Finta**, era antigamente (lançar *finta*) certo imposto ou tributo; modernamente *fintar* é deixar dolosamente de pagar as dividas.

- d) **Libertino** era o escravo liberto na antiga Roma ; no correr dos tempos adquiriu o sentido de pessoa liberta de peias moaes, ou pessoa de costumes soltos.
- e) **Corja** é palavra indiana, que significava etymologicamente uma collecção de vinte objectos : "sessenta e duas corjas de roupa de Bengala (Peregr. 1.160)" ; hoje é uma reunião de individuos libertinos : *corja de ladrões, de velhacos, de tractantes.*
- f) **Mariola** significava *carregador, homem de freles* : entre nós traz hoje a idéa de *brejeiro, biltre, maroto.*
- g) **Muitos** augmentativos encerram idéa depreciativa, como : *grandalhão, beberrão, homenzarrão, mulherão, mulheraça, narigão*, e alguns diminutivos : *liberalote, um figurinha*. O mesmo acontece com os substantivos em — *udo* : *cabeçudo, orelhudo, narigudo*. — A ironia não raro agrava o sentido pejorativo : *sanctinho, sanctarrão, sabichão, poetastro, ministraço.*
- h) **Sujeito** significava no port. quinhentista *assumpto, individuo, pessoa* : "O padre Gaspar Fragoso, que leu este anno a nona, é sujeito de grande virtude... de maneira, que são os sujeitos de que se formou a missão" A. V., C. 41)—Castilho Antonio usa ainda a palavra neste sentido, porém modernamente entre nós *sujeito* tem, em geral, sentido *depreciativo.*
- i) **Carroça** ainda no tempo do P.^o A. Vieira servia para reis e patriarchas : *Ante hontem vindo em carroça o patriarcha...* (C. 1. 238) ; hoje *carroça* só leva materiaes e lixo.

Obs. Muitos outros casos ha de pathologia verbal, que teem desterrado do uso nobre da lingua termos, que se tornaram torpes ou obscenos pelo fallar da plebe.

Sobre este phenomeno das linguas vem a ponto o que escreve M. Bréal em seu *Essai de Sémantique*, p. 310 : "Grande e inestimavel beneficio, é para uma nação, ter em sua literatura um livro sagrado, e de todos conhecido ! Póde a lingua soffrer toda a especie de ataques : haverá para ella uma fonte de purificação. E' o serviço que *the holy Bible* de 1611 prestou ao inglez, e a traducção de Luthero ao allemão. Nossos grandes prégadores do xvii sec. prestaram á lingua franceza serviço analogo. Ha, ao contrario, recantos da literatura, que polluem tudo o que tocam, e que, se de uma expressão se apoderam, a restituem maculada e deshonorada".

VI. EUPHEMISMO.

365. EUPHEMISMO é a figura com que amenizamos ou disfarçamos a expressão de uma idéa desagradavel ou torpe por um termo ou termos que a dão a conhecer menos di-

rectamente, p. ex.: *passamento por parte, dormir por morrer, verter agua, cheirar mal, dar á luz.*

VII. POSIÇÃO DOS TERMOS.

366. A posição dos termos na phrase determina conhecidos phenomenos semanticos curiosos. Exs.:

Homem grande	grande homem
" verdadeiro	verdadeiro homem
" simples	simples homem
" bom	bom homem
" rico	rico—homem
" gentil	gentilhomem
Moço guerreiro	guerreiro moço
Escriptor philosopho	philosopho escriptor
Relogio certo	certo relógio
Meninos diferentes	diferentes meninos
Raças diversas	diversas raças
Flores varias	varias flores
Coisa alguma	alguma coisa

VIII. GENERO.

367. A variação de genero é um outro recurso da lingua para a diversificação de sentido. Exs.: *

O corneta	a corneta	O guarda	a guarda
O clarineta	a clarineta	O moral	a moral
O lingua	a lingua	O guia	a guia

IX. NUMERO.

368. Nota-se analogo processo com a variação de numero em certas palavras, p. ex.: *honra e honras, liberdade e liberdades, fumaça e fumaças, ferro e ferros.*

X. DIFFERENCIAÇÃO MORPHOLOGICA.

369. As differenciações morphologicas, nas fórmulas *duplas ou divergentes*, trazem de ordinario differenciações semanticologicas, como se vê na lista abaixo:

Estimare	⇒→	estimar	e	esmar
Recitare	⇒→	recitar	e	rezar
Comparare	⇒→	comparar	e	comprar
Apprehendere	⇒→	apprehender	e	apprender
Maculare	⇒→	macular	e	magoar
Ministerium	⇒→	ministerio	e	mister
Coronam	⇒→	coroa	e	coronha
Nitidum	⇒→	nitido	e	nedio

XI. DIFFERENCIAÇÕES REGIONAES.

370. Diferenciações semanticas operam-se ainda em muitas palavras em diversas regiões de uma área linguística. Já notámos que entre o Brasil e Portugal palavras ha que ostentam accepções differentes, taes as palavras — *moço, borracho, babado, botas, faceira, fumo, tabaco*, etc.

CAPITULO IV

ARCHAISMO E NEOLOGISMO

I. ARCHAISMO SEMANTICO.

371. No decurso do tempo, por causas diversas, succede desaparecer uma palavra de uso vivo da lingua e tornar-se *archaica*. Dá-se então o archaismo de palavra, que já estudámos. Outras vezes, porém, não desaparece a palavra, mas apenas o seu sentido torna-se archaico, e opera-se um *archaismo semantico*.

372. O archaismo semantico pôde ser *parcial*, como, p. ex., se deu com a palavra *torto*, que perdeu o sentido de *damno, prejuizo* do v. port. (*Noticia de torto* = nota ou escriptura de damno), que conserva ainda no francez *tort*; e pôde ser *total*, como, p. ex., a palavra *padre* que no v. port. tinha o sentido de *pae*, e hoje só indica uma função ecclesiastica. Comtudo na oração dominical a expressão *Padre nosso*, conserva o sentido archaico de *pae*.

373. No archaismo semantico a palavra sobrevive a si propria, e, na sua contextura, como que guarda os detritos da época primitiva de sua formação. Assim *considerar* (*con + sidera + ar*) traz no seio *sidera* = *astros*, que é um como *detrito fossil* (para empregarmos a expressão metaphorica de distincto glottologo), que lembra a época primitiva de sua formação, em que o astrologo romano observava nos *astros* a sorte dos homens.

374. O esquecimento ou a translação de sentido das palavras, isto é, o archaismo semantico realiza-se em todos os periodos da lingua. Exs.:

- a) **Tolher** perdeu modernamente o sentido de *tirar*; “E por esta Ley nom tolhemos a pena que posta per El Rey...” (Ord. Affons.)

A's ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe. Lus. 5. 22.

- b) **Gesto**, do lat. *gestus*, tem frequentemente em Camões o sentido de *vultu, physionomia, semblante*: afeiçoada ao *gesto bello e tenro*” (Lus. I. 16), “O' tu, que tens de humano o *gesto* e o peito (ib., 3, 127)”.

“E por melhor fecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu” (Lus. I, 77).

Tal acceção archaizou-se na linguagem corrente, onde retem o sentido de *aceno*; porém no dialecto literario com A. Herculano e A. Castilho vigora ainda a acceção camoneana.

- c) **Manha** tem adquirido sentido depreciativo de *má qualidade, defeito*; no v. port., porém, trazia o sentido de *costumes, arte, habilidade*; dahi as *boas manhas* e as *más manhas* das expressões proverbiaes: “Dize-me com quem andas, dir-te-ei que manhas has”.

Vendo varios costumes, varias *manhas*
Que cada região produce, e cria (Lus. 4. 65).

- d) **Qualquer** traz em Camões sentido archaico de *cada um*:

Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que é primeiro (Lus. I. 87).

A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina (Lus. 2. 28).

- e) **Credo** tinha no v. port. a acceção de *breve espaço de tempo*, o sufficiente para se recitar o *Credo dos Apostolos* “Os Turcos... derão hua grande grita, e em menos de um *credo* se fizeram todos á vela” (M. P. Peregr. I, p. 18).

- f) **Soma** valia por *quantidade* no v. port.: “grãde soma de sacerdote respondia com uma grãde grita” (Ib. I. 36). Tal valor não é hoje admissivel.

- g) **Orelha** era de frequente uso no antigo vernaculo por ouvido: “Filho, ascuyta os preceptos do mestre e inclina a orelha do teu coraçõ”. (Regr. de S. B., Q. da L. Port., 81). — “Abri as orelhas, e não vos façaes mudos a minhas lagrimas (H. P., Imagem, 1. 243). Tal uso se conserva no proverbio: “Palavras loucas, orelhas moucas”.

II. NEOLOGISMO SEMANTICO.

375. Devemos distinguir entre o neologismo de *palavra* e o neologismo de *sentido*. O apparecimento de uma pala-

vra nova na vida historica da lingua é phenomeno já estudado; estudemos agora a innovação de sentido ou a addição de sentido novo em palavras já existentes, que é o que denominaremos *neologismo semantico*.

“Quando cria *sentidos novos*, escreve distincto philologo, dá ás palavras já existentes funcções que antes lhes eram extranhas. Sem ter apparencia de influir no lexico, ella de facto faz dessa palavra uma palavra verdadeiramente nova, porquanto com uma economia de *som* dá a uma mesma fórma funcções differentes”... “Em todas as linguas falladas, a *palavra* é um som ou grupo de sons a que dão valor intellectual os que fallam. E’ um signal sonoro que evoca, por uma associação regular de idéas, ora a imagem de objecto material, ora a idéa de uma noção abstracta. O espirito guarda a noção *constante* dessa relação, e quando apparece a palavra, ouvida ou lida, o espirito evoca a idéa de que ella é o signal, e, inversamente, quando o pensamento evoca a idéa esta surge sob o involucro da palavra, que a representa”.

376. Opera-se com o elemento semantologico da palavra o mesmo que se dá com o elemento morphologico. A idéa se contrae ou se expande, o sentido se restringe ou se amplia, como vimos atraz. Não raro uma accepção do termo desaparece, e uma outra surge: a addição de uma idéa nova provoca, muitas vezes, o esquecimento completo da significação primitiva do vocabulo, e o *neologismo* semantico determina o *archaismo*. — EGREJA, que nos veio do grego por intermedio do latim, já não evoca a idéa primitiva das assembléas populares convocadas, nas cidades gregas, pelo som estridulo da corneta do arauto; mas a assembléa ideal dos *chamados* á voz do Evangelho de Christo. — APOSTOLO, de origem grega, já não mais desperta a idéa classica de um mensageiro e representante de qualquer personagem, ou a idéa posterior de “uma expedição naval, uma frota expedida a serviço estrangeiro”; mas a idéa dos propagandistas de um systema religioso, politico ou philosophico. — SACRAMENTO, do latim *sacramentum*, não lembra mais o *juramento sagrado* do antigo legionario romano ás aguias imperiaes; mas uma instituição religiosa do Christianismo.

SYNTAXE

CAPITULO I

OBJECTO E PROCESSOS DA SYNTAXE

377. Não começaram os homens a fallar, observa judiciosamente K. Brugmann, por palavras, mas por phrases. A constituição mental da raça humana revela-se na linguagem, e esta, em tempo nenhum, se constituiu propriamente de palavras insuladas ou desconexas, mas de palavras relacionadas ou grupos logicos de expressão, a que damos o nome generico de *phrase*.

Syntaxe é, pois, o estudo da phrase, como Lexeologia é o estudo da palavra.

Syntaxe historica da lingua portugueza é o estudo da evolução da phrase latina nos actuaes dominios da lingua portugueza.

Coordenação e subordinação

378. Phrase é a expressão de um pensamento, isto é, de um agrupamento de idéas, ao passo que palavra é, em regra, a expressão de uma idéa simples ou elementar, quer geral, quer singular.

A phrase apresenta-se, em sua fórmula completa, como um grupo logico de palavras, que se combinam de dois modos fundamentaes: ou por *coordenação* ou por *subordinação*. A estes dois processos logicos chama Brugmann — *parataxe*. (gr. *para* = *perto*, *taxis* = *arranjo*) e *hypotaxe* (*hypo* = *sob*, *taxis* = *arranjo*), e ao estudo dos dois processos dá-se o nome de *syntaxe* (gr. *syn* = *com*), que etymologicamente significa *construção* (lat. *cum* + *structionem*).

Podemos, portanto, representar o estudo grammatical da expressão phraseologica do pensamento, em seu aspecto geral, do seguinte modo:

	Phrase	
Parataxe		Hypotaxe
	Syntaxe	

Donde se vê que o estudo da Syntaxe é fundamentalmente o estudo da phrase nos dois processos *paratactico* e *hypotactico*, ou *coordenativo* e *subordinativo*, em que tão singelamente se resolve, em ultima analyse, a sua admiravel contextura.

CAPITULO II

PROCESSOS PHRASEOLOGICOS DO PORTUGUEZ E DO LATIM

379. A' parte as particularidades, que em seu logar estudaremos, notam-se na enunciação do pensamento em portuguez, como em latim, os mesmos processos fundamentaes de *coordenação* e *subordinação*, de que acabamos de fallar; bem como as mesmas leis geraes de *concordancia*, *regencia* e *ordem*. Ha, porém, dissemelhanças, ou differenciações, que importa notar mais adeante. Desde já diremos, entretanto, que para uma larga differenciação syntactica entre o latim e o portuguez concorreu o desaparecimento das fórmulas syntheticas das *declinações* e *conjugações latinas*.

As relações logicas de coordenação e subordinação na contextura da phrase latina eram expressas por desinencias caracteristicas, que constituíam as declinações dos nomes e a conjugação dos verbos em latim. A quédia da consoante final, sobre que repousava a distincção dos *casos* e das *vozes* dos verbos latinos, produziu uma revolução na phrase e nos processos syntacticos. As relações logicas das palavras na constituição das sentenças deixaram de ser expressas pela propria desinencia, tornando-se necessario, para preencher essa lacuna, recorrer a palavras *auxiliares*, taes como as *preposições* e *verbos auxiliares*, e a outros meios.

Os membros das proposições, o *sujeito* e os *complementos*, que em latim se revelam pelo *caso*, como já vimos, tiveram de valer-se, para se revelar, da *posição* e das *preposições*. Aquillo que em latim era *syntheticamente* expresso por uma

só palavra, como, v. gr. (*corona*) *juventutis*, (*amor*) *Petro*, tornou-se *analyticamente* expresso por mais de uma — (*coroa*) *da juventude*, (*sou amado*) *por Pedro*.

O caracter *synthetico* do latim consiste, como se vê, em exprimir uma só palavra mais de uma idéa, como nas phrases acima — *juventutis*, que encerra a dupla idéa de *possuidor* e de *posse*; *amor*, que contem a idéa da *acção* de amar, e a do seu *paciente*; *Petro*, que não só indica o *individuo*, mas o *agente* da acção verbal.

Por sua vez, o caracter *analytico* do portuguez e das linguas neo-latinas consiste em corresponder cada palavra a uma só idéa, de sorte que a phrase encerra discriminadamente a analyse do pensamento, como se pôde ver na traducção dos exemploŝ acima.

Assim, pois, ao *synthetismo* latino succedeu o *analytismo* neo-latino.

O caracter *synthetico* dava á phrase latina mais concisão e energia; ao passo que o caracter *analytico* communica á portugueza mais amplitude e clareza. Na força e belleza da expressão leva, pois, o latim vantagem ao portuguez e ás outras linguas neo-latinas; mas em clareza possuem estas decidida superioridade á latina.

380. As flexões casuaes lhe davam liberdade quasi illimitada na collocação de seus termos. Se bem que as linguas romanicas, não possam gosar da mesma liberdade, ellas teem, comtudo, uma construcção mais livre que as germanicas, como observa Diez. O mesmo romanista assignala, como causas historicas desta maior liberdade, o movimento poetico do lyrismo provençalesco, que presidiu ao nascimento das linguas romanicas, e a imitação do estylo latino provocado pelo Renascimento da literatura greco-romana no sec. XVI. Das romanicas, pondera o mesmo auctor, o italiano é a que mais se approxima da lingua-mãe neste ponto, se bem que na poesia o portuguez, o hespanhol e o provençal em nada sejam inferiores.

CAPITULO III

ESTRUCTURA ORACIONAL ROMANICA

PLANO DA PHRASE

381. A estructura oracional romanica refere-se ao plano da phrase novo-latina na expressão de um pensamento completo. O pensamento completo tem a sua expressão na *proposição, sentença* ou *oração*.

Na estrutura oracional seguiram as linguas romanicas o plano geral da phrase latina, com restricção na *ordem* dos termos, e ampliação na *regencia* e *concordancia*.

O plano da phrase latina e das linguas congeneres consiste, em seu aspecto geral, na divisão binaria da proposição quanto aos termos essenciaes — *sujeito* e *predicado*.

382. *Sujeito* é o termo syntactico de que se declara alguma coisa, e *predicado* é a coisa declarada do sujeito. Estes termos essenciaes podem ser ampliados, restringidos ou explicados por termos accessorios ou secundarios, chamados *complementos*. Além destes, um outro, termo accessorio apparece nas particulas *connectivas*. E' este o arcabouço ou mechanismo da proposição grammatical, fornecido pelo aspecto completo da phrase latina e neo-latina.

383. Podemos definir a *proposição* como a phrase que contem uma declaração formal. A definição escolastica de que a proposição é "o enunciado de um juizo", e, consequentemente, é uma affirmação da conveniencia ou desconveniencia de uma qualidade ou attributo, em uma substancia ou sujeito, é justamente repellida por C. Ayer, por nem sempre adaptar-se ao conceito de uma proposição grammatical. As orações imperativas e optativas, por exemplo — *Trabaliae — Sejam felizes* — não contem affirmação propriamente, porém mera declaração de desejo.

384. As proposições ou orações constituem os *periodos* grammaticaes, que podem ser *simples*, se contem uma só proposição, e *complexo* e *composto*, se mais de uma.

Os periodos grammaticaes, divisões mais ou menos arbitrias do discurso, assignalados na linguagem oral por uma pausa mais longa, e na escripta por um ponto-final, ou, ás vezes, por ponto-de-interrogação e exclamação, devem conter uma expressão cabal do pensamento, que não tenha com a subseguente, na sequencia do discurso, laço de intima relação. O *discurso* finalmente se apresenta como uma série de periodos na discussão desenvolvida de um assumpto. O limite e a extensão dos periodos são materia que obedece mais ao genio do orador ou do escriptor e da propria época, do que a regras. Distinguem-se os periodos de nossos classicos quincentistas não só pela sua grande extensão, como, não raro, pelo absurdo de seus limites. Hoje os periodos são mais curtos, embora variem de accôrdo com o temperamento do escriptor, e os seus limites, no corpo do discurso, são mais racionaes. obedecendo com mais cuidado á ligação dos pensamentos.

De resto, é moderna a divisão rigorosa dessas diversas partes do discurso. Eram, na antiguidade, escassas as notações syntacticas ou signaes de pontuação. A pontuação dos monumentos escriptos da literatura antiga são manipulações modernas de sabios editores. Com a invenção da imprensa é que se foram inventando e applicando os variados signaes, com que hoje seccionamos o discurso e o periodo grammatical.

385. PHRASES VERBAL E NOMINAL. Comprehende a proposição dois typos — a *phrase verbal* e a *phrase nominal*.

a) O typo da *phrase verbal* consiste em ser o predicado enunciado por um *verbo* unicamente: *o homem vive = homo vivit.*

b) O typo da *phrase nominal* consiste em ser o predicado enunciado por um *verbo* e um *nome* referente ao sujeito: *o homem é bom = homo est bonus.*

Na phrase verbal o predicado é expresso concretamente por um verbo, que pôde ser de *predicação completa*, quando *intransitivo*, como: *Os campos florescem;* ou de *predicação incompleta*, quando *transitivo*, *relativo* ou *de ligação*, como:

O homem ama a verdade, aspira ao ideal, e permanece incansável na pesquisa do bem.

Na phrase nominal o predicado é analyticamente expresso por um verbo de ligação e mais um outro elemento ligado ao sujeito, ordinariamente um *nome* adjectivo ou substantivo, ás vezes *pronome*, *verbo* ou *adverbio*, que constituem *completivos subjectivos*, como se vê em seguida:

VERBO+NOME ADJECTIVO: *A vida é PASSAGEIRA.*

VERBO+NOME SUBSTANTIVO: *As cães SÃO A GLORIA da velhice.*

VERBO+PRONOME: *O bem é o que desejamos — QUEM é elle?*

VERBO+VERBO: *Viver é LUCTAR.*

VERBO+ADVERBIO: *A salvação ESTÁ PERTO — Elle ESTÁ BEM.*

386. GRUPOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO. As palavras formam no seio da proposição grupos logicos, que são de duas categorias: *grupo de coordenação* e *grupo de subordinação*.

a) O *grupo de coordenação* é formado pela *juxtaposição* ou *aposição* de termos expressivos de idéas, que occupam a mesma posição no espirito. Esta equivalencia de posição é revelada na phrase pela concordancia grammatical e pelas particulas coordenativas. Exs.:

SUJEITO+SUJEITO: *DAVID e SALOMÃO foram reis d'Israel.*

SUJEITO+PREDICADO: *OS ALUMNOS SÃO DEDICADOS ao estudo.*

PREDICADO+PREDICADO: *O homem NASCE e MORRE.*

COMPLEMENTO+COMPLEMENTO: *Amamos a PATRIA e A HUMANIDADE.*

SUBSTANTIVO+ADJECTIVO: *O HOMEM BOM do BOM THESOURO de SEU CORAÇÃO tira BOAS COUSAS.*

SUBST. FUNDAMENTAL+SUBST. APPOSTO: *PERNAMBUCO, LEÃO DO NORTE, é uma das glorias do Brasil.*

A coordenação se diz *syndetica*, quando effectuada por conjuncção expressa, como — *Pedro e Paulo foram apóstolos*; e *asyndetica*, quando ha suppressão da connectiva, e a coordenação se opera por mera juxtaposição ou collateralidade dos termos, como — *Pedro, Paulo, João, foram apóstolos*.

b) O *grupo de subordinação* é formado pela reunião de termos expressivos de idéas, que occupam posições diferentes no espirito. Esta differença de posição é grammatical-

mente revelada em latim pelos casos obliquos e nas linguas romanicas pelas particulas subordinativas, que são as *preposições*, as *conjunções* de 2.^a classe, o *adjectivo*, *pronome* e *adverbio conjunctivos*, excepto o objecto *directo*, que se revela pela posição:

AS ESTRELLAS DO CÉU *brilham* — *Elle* ESTUDA PARA APPRENDER — QUERO QUE VIVAM *felizes* — *E' elle* QUEM PAGA — *Não* SEI O LOGAR ONDE ESTOU — *O bom filho* AMA A SEUS PAES e *os paes* AMAM O BOM FILHO.

Estes grupos logicos de coordenação e subordinação dizem-se *nominaes*, se formados de *nomes*, v. gr.: *homem bom*, *homem de paz*; e *verbaes*, se de verbos, v. gr.: *luctar e vencer*, *estar a luctar*.

O processo de *coordenação* e *subordinação* estende-se não somente aos membros da proposição, mas tambem ás proprias proposições entre si, que são *coordenadas* (*vim*, *vi e venci*), e *subordinadas* (*vim para que tenham vida*).

Da coordenação e subordinação das proposições, porém, tractaremos quando estudarmos o periodo composto e complexo.

Antes de passarmos ao estudo historico-comparativo dos termos desses *grupos logicos*, vejamos a maneira por que elles se formam em latim e nas linguas romanicas.

CAPITULO IV

PROCESSOS RELACIONAES DO LATIM E DAS LINGUAS ROMANICAS

RELAÇÕES SYNTACTICAS

387. Como vimos, as palavras combinam-se de certo modo, ou relacionam-se no discurso para a expressão do pensamento, formando *phrases verbaes* e *nominaes*, e *grupos logicos de coordenação* e *subordinação*. Na maneira, porém, de se relacionarem as palavras desses typos syntacticos, diverge o latim das linguas romanicas.

No latim as relações syntacticas são determinadas pelos *casos* de suas *declinações*, e nas linguas romanicas, não havendo casos, são essas relações indicadas por outros processos.

São trez as relações syntacticas fundamentaes das palavras no plano da phrase latina, de que já fallámos: a relação do *sujeito* ou *subjectiva*, a do *predicado* ou *predicativa*, e a do *complemento* ou *complementar*.

As relações complementares podem desdobrar-se em tantas relações quantos os complementos, a saber, em quatro: a *relação objectiva*, a *terminativa*, a *attributiva* e a *adverbial*. E se, a todas estas relações, reunirmos o *vocativo*, como relação á parte, e o *connectivo*, que tem funcção especial, chegaremos ao resultado de que toda palavra na phrase mantém uma ou outra destas oito relações — *subjectiva*, *predicativa*, *objectiva*, *terminativa*, *attributiva*, *adverbial*, *vocativa* e *connectiva*.

Ora, o latim classico expressava todas essas relações com os seis *casos* de sua *declinação*, exceptuando a relação *predicativa* verbal, que, tanto em latim como nas linguas neolatinas, se expressa pelas fórmulas conjugativas do verbo, e a relação *connectiva*, que, em todo o grupo latino, é expressa por um pequeno numero de palavras indeclinaveis, *particulas de ligação* ou *connectivas*.

Além desses seis casos do latim literario, ha vestigios de ter tido o latim archaico mais dois, o *locativo* e o *instrumental*, herança do tronco primitivo aryano.

Esses casos já mencionados na Morphologia, eram constituidos por seis flexões ou desinencias especiaes, que indicavam syntheticamente a relação da palavra, isto é, o papel que ella representava no drama da phrase, como sujeito ou complemento.

388. OS CASOS LATINOS E SEUS EQUIVALENTES VERNACULOS.
Os casos latinos com seus respectivos equivalentes vernaculos são os seguintes:

Nominativo	relação subjectiva
Genitivo	” attributiva
Dativo	” terminativa
Accusativa	” objectiva
Vocativo	” vocativa
Ablativo	” adverbial

289. NOMINATIVO (de *nominare* = nomear) é o caso do sujeito e do predicado nominal de modo finito: *Animus humanus immortalis est* = a alma humana é immortal.

É chamado *caso recto* em relação aos outros, que se dizem *obliquos*, e serve para revelar o sujeito seja qual for a collocação deste na proposição.

Perdida a desinencia casual, recorreu o portuguez á posição antes do predicado, como expediente para revelar o sujeito, e, no caso de não haver perigo de ambiguidade, ao sentido obvio: *O exercito venceu o inimigo* — *O inimigo venceu o exercito* — *immortal é a alma, o mar cortava a armada.*

390. GENITIVO (de *gignere* = gerar), é o caso da relação attributiva, pois em regra modifica um substantivo regente, de origem, posse, etc.: *Rex romanorum* = rei dos romanos, *liber Petri* = livro de Pedro, *oratio Ciceronis* = discurso de Cicero.

A preposição *de* veio supprir no portuguez a falta da desinencia genitiva: *rei dos romanos, livro de Pedro.*

É importante assignalar que o genitivo, dentro de sua função attributiva geral, continha funcções characteristics especiaes, que convem discriminar:

1.^a GENITIVO POSSESSIVO (*genitivus possessionis*), quando indica posse: *Liber Petri* = livro de Pedro — *Domus regis* = casa do rei.

Este genitivo possessivo é usado *predicativamente* nas seguintes phrases: *Miseros consolari humanitatis est* = é da humanidade consolar os infelizes. — *E' de cavalheiro usar de cortezia com as damas* — *O que for do pae é do filho.*

2.^a GENITIVO PARTITIVO, quando traz a idéa de parte de um todo qualquer: *Turma equitum* = uma turma de cavalheiros ou de cavallaria — *Modius tritici* = modio de trigo — *Tertius regum Romanorum* = o terceiro dos reis romanos — *Major fratrum* = o maior dos irmãos — *Maximum oratorum* = o maior dos oradores — *Nada de novo, assaz de gente.*

3.^a GENITIVO APPOSITIVO ou *explicativo*, quando tem o valor de um apposto, ou de mera explicação ao termo regente: *Vox libertatis* = voz da liberdade, *flos rosae* = a flor da rosa (a flor rosa), *virtus justitiae* = a virtude da justiça, título de eleitor, grau de aprovação, posto de coronel, cidade de Lisboa. Não raro, neste caso, se dispensa o genitivo, e se manifesta a apposição franca: *Urbs Roma* (cidade Roma), *flumen Rhenus* = rio Reno, rio Amazonas, fortaleza Santa Cruz, praça Concordia.

4.^a GENITIVO SUBJECTIVO (*genitivus auctoris*), quando indica o auctor ou o agente do facto expresso pelo substantivo regente: *Oratio Ciceronis* = discurso de Cicero — *Calamitas belli* = calamidade da guerra, *amor patris* = amor de pae (que o pae possui).

5.^a GENITIVO OBJECTIVO, quando indica o objecto ou paciente de facto expresso pelo substantivo regente: *Amor virtutis* = amor da virtude — *Remedium doloris* = remédio da dor — *Metus hostium* = medo dos inimigos (que se tem dos inimigos) — *Poena sceleris* = pena de crime — *Demicatio vitae* = peleja da vida.

Como em latim, é facil a ambiguidade entre o genitivo *subjectivo* e o *objectivo*, toda a vez que a significação do termo no genitivo puder ser agente ou paciente do facto. Se dissermos *amor virtutis* = amor da virtude, não pôde haver ambiguidade, pois o termo em genitivo *virtutis* só pôde ser objecto do *amor*, e não sujeito ou agente. O mesmo não acontece, porém, se dissermos — *amor Petri*, onde o termo em genitivo *Petri*, tanto pôde ser objecto como sujeito ou agente de *amor*.

391. DATIVO (de *dare* = dar), é o caso da relação terminativa, do objecto indirecto, de attribuição, a que alguma coisa pertence ou tem relação. Seu valor relational é geralmente indicado em portuguez pelas preposições *a* ou *para*: *Patria omnibus cara est* = a patria é cara a todos — *Panem pauperibus dedit puer* = o menino deu pão aos pobres — *Sapientis est naturae convenienter vivere* = é do sabio viver convenientemente (a) com a natureza.

Subsiste ainda o dativo organico nos casos obliquos pronominaes — *lbe* e *lbes*. As fórmãs — *me, te, se, nos, vos, a mim, a ti, a si, a elles, a nós, a vós, a elles*, são frequentemente empregadas com o valor syntactico de dativo: *dar-me os parabens, entregar-nos as chaves, dar-se ares de innocente*.

Convem notar duas especies de DATIVOS:

1.º DATIVUS COMMODI ET INCOMMODI, que indica o interesse ou o desinteresse da pessoa ou coisa em relação a que se practica alguma acção: *Domus dominis aedificata, non muribus* = a casa é construida para os donos e não para os ratos — *Homo non sibi solus natus est, sed patriae, sed suis* = o homem não nasce só para si, mas para a patria, mas para os seus.

2.º DATIVUS ETHICUS (dativo ethico), que indica o interesse, na acção, de quem falla ou a quem se falla, e dá, como observa Diez, mais calor á phrase: *Quid sibi vult haec oratio?* = que *lbe* significa este discurso? — *Olhem-me* (dativo) a cara daquelle rapaz. — Em francez: *Regardez-moi la mine de ce garçon?*

E' tal dativo de frequente uso, mormente no v. port.:

Quem m'ora quizesse cruzar
bem assy poderia ir,
bem como foy a Ultramar
Pero d'Ambrosio Deus servir.

O Ant. Vern. 89

Considerae-me o mundo desde seus principios, e vê-o-eis sempre como figura no theatro apparecendo e desaparecendo juntamente, por que sempre passando (A. V., S. I. 142)—Vê-me esses animaes, suas bellezas compara-as com as tuas (F. Elys., Fab. 33).

392. ACCUSATIVO (de *accusare* = *accusar*) é o caso do objecto directo, do paciente da acção verbal, bem como do sujeito e do predicado nominal do modo infinito: *Scipio delevit Carthaginem* = Scipião destruiu Carthago — *Dicunt Petrum esse sapientem* = dizem ser Pedro sabio.

A funcção do accusativo em portuguez é indicada pela posição immediata ao predicado expresso por verbo transitivo. O nominativo ou o sujeito revela-se, em geral, como vimos,